

Enid Blyton

Os **CINCO**

E OS AVIADORES

OFICINA
DO LIVRO

ÍNDICE

1. Uma semana de férias	11
2. Rumo ao Monte do Chapéu de Coco	19
3. A Quinta do Chapéu de Coco	27
4. Um acampamento espetacular	37
5. A primeira noite... e uma visita matutina	47
6. A Quinta das Borboletas	55
7. A Sra. Janes, uma aranha e uma lagoa	65
8. Sarilhos à vista	75
9. O primo Alfred	83
10. De novo na Quinta das Borboletas	93
11. Uma noite de tempestade	101
12. Nas Grutas do Chapéu de Coco	109
13. Um choque terrível	117
14. O Sr. Gringle zanga-se	125
15. Mais novidades e um passeio noturno	133
16. À espreita pelas janelas	141
17. Um turbilhão de acontecimentos	151
18. Ninguém sabe onde procurar	161
19. Uma manhã de trabalho	169
20. Uma estranha mensagem	177
21. Um final emocionante	187

1. UMA SEMANA DE FÉRIAS

— Onde está o mapa? — perguntou o Júlio. — És tu que o tens, Zé? Ótimo! Ora bem, onde havemos de o abrir?

— No chão — sugeriu a Ana. — É sempre mais fácil ler um mapa sobre uma superfície plana. Eu arredo a mesa.

— Faz isso com cuidado, por favor — pediu a Zé. — O meu pai está no escritório, e já sabem o que acontece quando se faz muito barulho!

Todos se riram. O pai da Zé costumava sair de rompante do seu escritório, furioso, quando estava a trabalhar e alguém fazia barulho.

A mesa foi afastada e o enorme mapa estendido no chão. O *Tim* ficou muito espantado ao ver as quatro crianças ajoelharem-se em redor dele e ladrou, imaginando que se tratava de uma qualquer brincadeira.

— Caluda, *Tim*! — ordenou o David. — Esta manhã já te meteste em sarilhos, por armares confusão. E para de me espanejar a cara com a cauda!

— ão — fez o *Tim*, deitando-se pesadamente em cima do mapa.

— Levanta-te, palerma! — resmungou o David. — Não sabes que estamos com pressa? Queremos estudar o caminho mais rápido para o Monte do Chapéu de Coco...

— Monte do Chapéu de Coco... Que nome tão engraçado! — comentou a Ana. — É para lá que vamos?

— Sim — disse o Júlio, inclinado sobre o mapa. — Fica perto de umas grutas que seria interessante visitarmos e até há uma quinta de borboletas nas imediações...

— Uma quinta de borboletas! — exclamou a Zé, surpreendida. — O que vem a ser isso?

— Precisamente o que parece! — respondeu o David. — Uma quinta para borboletas! O Mário, um amigo nosso do colégio, falou-me dela. Vive lá perto e diz que é um lugar muito interessante. Fazem criação de borboletas, diurnas e noturnas, e vendem-nas a colecionadores.

— A sério? — perguntou a Ana. — Eu adorava quando tinha lagartas e via no que se transformavam. Parecia magia, ver uma borboleta linda a sair da crisálida. Nunca imaginei que houvesse quintas de borboletas. Será que podemos visitá-la?

— Podemos, sim. O Mário diz que os donos não se importam nada de mostrar a quinta — respondeu o Júlio. — Pelos vistos, no Monte do Chapéu de Coco também existem borboletas raras, e é por isso que a quinta fica lá. Passam dia e noite a apanhá-las com redes.

— Vai ser muito emocionante — disse David. — Com grutas para vermos, uma quinta de borboletas e uma visita ao Mário...

— E os Cinco juntos de novo numa semana de férias cheia de sol! — exclamou a Zé, dando uma palmada amigável ao *Tim*, muito contente. — Que bom que os nossos colégios nos deram uma semana de férias a meio do período!

Estendidos ao comprido no chão, os quatro primos consultavam o mapa com grande interesse, traçando uma rota com os dedos. Ouviram então uma voz zangada vinda do escritório onde o pai da Zé trabalhava.

— Quem é que andou a arrumar-me a secretária? Onde estão os papéis que deixei aqui? Clara, Clara, chega aqui!

— Está a chamar pela minha mãe. Vou procurá-la. Ah, não vale a pena, ela saiu para ir às compras — lembrou-se a Zé.

— Porque não deixam os meus papéis em paz? — queixou-se de novo o pai da Zé. — Clara! CLARA!

A porta do escritório abriu-se então de par em par e o tio Alberto saiu de rompante, resmungando para si mesmo. Não viu as crianças estendidas no chão e tropeçou nelas, caindo-lhes em cima. Muito contente, o *Tim* ladrou e pulou para ele, achando que, por uma vez, o pai da Zé resolvera brincar com eles!

— Au! — gritou a Zé, quando a mão do pai lhe esborrachou a face. — Cuidado! Que está a fazer, pai?

— Tio Alberto, desculpe, caiu mesmo em cima de nós! — disse o Júlio. — Cala-te, *Tim*, isto não é um jogo!

O Júlio ajudou o tio a pôr-se de pé e ficou à espera de um ataque de fúria por parte dele. O tio compôs a roupa e fulminou-o com o olhar.

— Têm mesmo de se deitar no chão? Para baixo, *Tim!* Onde está a tua mãe, Zé? Levanta-te do chão, por amor de Deus! Onde está a Joana? Se tiver andado de novo a mexer-me na secretária, vai ouvir das boas!

A Joana, a empregada da família, apareceu à porta, limpando as mãos ao avental.

— Mas que vem a ser esta barulheira? — começou ela. — Oh, desculpe, senhor Kirrin, não sabia que estava aqui...

— Joana, andou a arrumar a minha secretária outra vez? — perguntou o pai da Zé, quase aos gritos.

— Não. Perdeu alguma coisa? Não se preocupe, eu vou já procurar — disse a Joana, habituada aos modos do tio Alberto. — Os quatro meninos, apanhem esse mapa do chão e ponham a mesa onde a encontraram. Para de ladrar, *Tim!* Zé, leva-o para a rua, por amor de Deus, antes que o teu pai se zangue a valer.

— Ele só está animado por estarmos os quatro juntos de novo — explicou a Zé, levando o *Tim* para o jardim. Os outros seguiram-na, enquanto o Júlio dobrava o mapa com um sorriso na cara.

— O tio Alberto daria uma excelente personagem para uma peça de teatro — referiu o David. — A casa haveria de ir abaixo com tantos aplausos! Já sabemos o caminho que havemos de tomar, Júlio? E quando partimos?

— A minha mãe chegou! — anunciou a Zé, ao ver alguém a aproximar-se do portão com um cesto no braço.

O Júlio foi a correr abri-lo. Gostava muito da simpática e bondosa tia Clara. Ao entrar, ela sorriu para todos.

— Então, já resolveram para onde vão e o que querem levar? Com este tempo tão bonito, até poderão acampar. Vai ser uma semana em grande!

— Já decidimos — respondeu o Júlio, aliviando a tia do peso do cesto e levando-o para dentro. — Vamos para o Monte do Chapéu de Coco. O nosso amigo Mário vive no sopé do monte, na Quinta do Chapéu de Coco, e empresta-nos todo o material de campismo de que necessitamos.

— Assim não precisamos de levar as bicicletas carregadas com tendas, colchões e cobertores — disse o David.

— Melhor assim! — concordou a tia. — E em relação à comida? Suponho que poderão comprar várias coisas na quinta.

— Sim! Não faremos as refeições lá, claro — elucidou o Júlio —, mas podemos comprar ovos, leite ou pão. E o Mário disse que os morangos já estão a amadurecer!

A tia Clara sorriu.

— Assim sendo, não preciso de me preocupar com as vossas refeições. E como o *Tim* vai convosco, tomará conta de vocês. Não é assim, *Tim*? Não vais deixar que se metam em sarilhos, pois não?

— ão — respondeu o *Tim*, com um ar muito sério e a abanar a cauda. — ão.

— Grande *Tim!* — elogiou-o a Zé, fazendo-lhe festas. — Se não fosses tu, aposto que não nos deixariam sair tantas vezes sozinhos!

— O tio Alberto está com um dos seus ataques de mau génio, tia Clara — alertou o David. — Quer saber quem andou a arrumar-lhe a secretária. Há pouco, saiu numa fúria do escritório, não nos viu estendidos no chão e caiu-nos em cima.

— Meu Deus, é melhor ir ver que papéis é que ele perdeu desta vez — disse a tia. — Já se deve ter esquecido de que na noite passada resolveu organizar o escritório e foi ele mesmo quem arrumou a secretária. O mais certo é que tenha deitado os documentos que procura para o cesto dos papéis!

Todos desataram a rir e a tia Clara apressou-se a ir ter com o marido.

— Bem, vamos lá despachar-nos — sugeriu o Júlio. — Não precisamos de levar muita coisa, visto que o Mário nos irá emprestar quase tudo. Mas é melhor levarmos impermeáveis... Não te esqueças do teu, *Tim!* E camisolas, e um mapa ou dois.

— E lanternas — lembrou a Ana —, uma vez que queremos explorar as tais grutas. Oh, e podemos também levar os fatos de banho, para o caso de encontrarmos um sítio onde possamos nadar. O tempo está bastante quente!

— E também velas e fósforos — acrescentou a Zé, levando a mão à algibeira. — Tenho-os aqui. Pedi à Joana que me desse três caixas. E se levássemos uns rebuçados?

— Sim. Temos um pacote ainda por abrir — disse o Júlio. — E proponho que levemos também o rádio portátil!

— Oh, que boa ideia — aprovou a Ana, muito contente. — Podemos ouvir música e os nossos programas preferidos ou as notícias. Acho que não devemos conseguir comprar jornais.

— Vou ao telheiro buscar as nossas bicicletas — declarou o Júlio. — David, vai pedir as sanduíches à Joana. Ela disse que nos fazia algumas, pois só vamos chegar à quinta do Mário depois da hora do almoço.

— ão — fez o *Tim*, que conhecia muito bem a palavra.

— Está a pedir que não nos esqueçamos dos biscoitos dele — interpretou a Ana, com uma gargalhada. — Eu vou buscar um saco deles, *Tim*, mas presumo que possas partilhar refeições com os cães da Quinta do Chapéu de Coco.

A Joana preparara duas grandes embalagens de sanduíches e bolo, bem como duas garrafas de laranja.

— Aqui têm — disse ela, entregando-lhes os embrulhos. — Se comerem isto tudo, não ficarão com fome. Estão aí também biscoitos para o *Tim* e um osso.

— É um amor, Joana — declarou o David, colocando o braço em redor dela para lhe dar um daqueles abraços de que ela tanto gostava. — Vai ver-se livre de nós durante uma semana inteira. Que sorte, hã?

— Despacha-te! — chamou o Júlio. — Já tenho as bicicletas e desta vez, para variar, nenhuma tinha um furo. Traz o meu impermeável, David!

Em poucos minutos, tudo estava acondicionado nas bicicletas. O *Tim* certificou-se de que os seus biscoitos e osso não tinham ficado de fora, farejando cada carga até dar com o que queria. Abanou então a cauda e pôs-se a correr em roda das crianças. Os Cinco estavam novamente juntos e quem sabia o que podia acontecer? O *Tim* estava preparado para qualquer coisa!

— Adeus — disse a tia Clara, que tinha ido ao portão despedir-se das crianças. — Júlio, toma conta dos outros; e tu, *Tim*, toma conta de toda a gente!

O tio Alberto apareceu de repente à janela.

— Que barulheira é esta? — indagou, muito impaciente. — Oh, já vão! Finalmente! Vamos poder ter um pouco de paz e sossego! Adeus e portem-se bem!

— Os adultos dizem sempre a mesma coisa — comentou a Ana, quando os Cinco partiram muito satisfeitos e tocando as campainhas em jeito de despedida. — Viva! Cá vamos nós, sozinhos de novo. Sim, tu também, *Tim*. Que divertido!